

Ficheiros Secretos: histórias verídicas e notas soltas da minha relação com o Japão e os japoneses

Inês Carvalho Matos

Parte IV

Primeiro estranha-se, depois entranha-se...

ou então não.

Quando uma pessoa tem interesses muito específicos ou exóticos as pessoas à nossa volta atiram umas perguntas estranhas de vez em quando. Não os amigos, claro, esses já conhecem os meandros das nossas obsessões de estimação, mas aqueles que são os “conhecidos” ou alguém ao qual somos apresentados por outrem. “Então... O Japão, ehn?...” Ao qual se seguem coisas como “Então e não estranhaste nada, tipo a comida e assim?” ou “Ena, deves ter trazido imensa coisa de lá, que compras loucas é que fizeste?”, mas o meu preferido é “E o que é que foi mais difícil habituares-te?”

Digo “preferido” sem ironia, porque este tipo de pergunta realmente tem-me proporcionado alguns momentos de introspecção. O mais interessante é que a resposta varia com a distância da data de regresso. Há coisas que me saíam como resposta imediata assim que tinha voltado - estavam na superfície da minha experiência - e outras que emergiram mais tarde.

Para alguém que vem de Portugal é imediatamente evidente que, no Japão, o contacto físico entre as pessoas é muito limitado. Os sinais de empatia e compreensão que tanto fazem falta nas nossas relações interpessoais são muito mais escassos. Para além disso, os que existem são ténues e apenas compreensíveis com um nível de adivinhação que confunde a maior parte dos não-japoneses. Torna-se portanto inevitável que se comece a sentir uma certa

irritabilidade que não se sabe de onde vem. Claro que tudo se resolveria com o tal abraço, o sorriso amplo e directo, um afecto despreocupado, enfim: o contacto directo e empático com outro ser humano. Mas como isso não é uma opção, a dimensão física (ou de expressão) acaba por ser uma das coisas que realmente se sente a falta. Os emigrantes da América latina (maioritariamente descendentes de japoneses mas brasileiros de cultura) procuram sobreviver a essa esterilidade de afectos físicos convivendo entre os membros da sua comunidade. Creio que, se existissem emigrantes portugueses em grande número no Japão, também fariam o mesmo, ou então juntavam-se às comunidades de brasileiros por causa da língua portuguesa e dessa maneira tão própria de socializar sorrindo e tocando.

Por tudo isto a minha resposta a “E o que é que foi mais difícil habituares-te?” assim que regressei da minha última aventura de três meses consecutivos era: “A solidão.” As pessoas não entendiam logo o que eu queria dizer com isto, por isso tinha de elaborar: “Sem contacto físico nenhum, sem um sorriso espontâneo, sem uma expressão de empatia genuína e sem abraços uma pessoa começa a sentir-se como se nenhuma das pessoas que está à sua volta estivesse realmente em contacto consigo, e também como se nós não conseguíssemos estar em contacto com os outros, e por isso vai crescendo em nós uma certa solidão.”

É um lugar-comum dizer-se “pode-se estar numa multidão e a sentir-se só”. Se virmos uma pessoa numa multidão mas que está a mostrar tristeza ou até apatia adivinhamos logo que se sente só. A sua expressão não é a da ligação com os outros mas a do fechamento; pelo menos assim é possível perceber que essa pessoa não está bem. Mas no Japão a solidão é completamente invisível! Uma pessoa não pode descurar o sorriso de circunstância, as expressões discursivas educadas para os colegas, a conversa-fiada do supermercado ou da paragem de autocarro. Com efeito, uma pessoa pode parecer

estar em perfeito estado de funcionamento social e estar profundamente só.

O Japão valoriza uma ordem social na qual não se pode parecer triste. E foi isso que eu compreendi com a minha introspecção: crescer em Portugal – ou noutro país “latino” suponho – permite-nos definir bem o estado de espírito em que estamos (nós mesmos) e ter a propensão para o demonstrar. Por outro lado, no Japão as pessoas crescem a aperfeiçoar a arte de nunca mostrar o que sentem, preferindo as expressões faciais e estratégias de discurso que levam a uma fluidez despreocupada das relações sociais (alguns acham que isto é sinal de superficialidade, mas há causas mais complexas para tal). Em última análise, o que o eu-próprio sente não tem nenhuma importância na cultura em que a entidade do grupo é a identidade de cada um e todos os seus membros. A harmonia do grupo (o conceito de WA) é mais importante do que expressar desânimo ou tristeza, e portanto ninguém “impõe” aos outros as suas agruras. A troca de frases tão portuguesa: “Então como vai isso? Olha, vai-se andando...” nunca poderia existir no Japão. Em vez disso existe o par: “Estás com energia?” (Ogenki desu ka?) e a resposta “Claro que estou!” (Genki desu yo!)

Quando estamos no Japão e com japoneses quase 100% do tempo acabamos por absorver alguns modos de nos movimentar e de acompanhar a linguagem com certa modulação de voz e gestos. Isso foi fácil de entranhar-se e difícil de desentranhar-se! Quando regresssei compreendi o quanto isto se tinha realmente integrado na minha linguagem corporal (não se preocupem, já passou) e por isso fiquei um pouco chateada com isso. Era um bocado estúpido continuar a fazer a vénia por impulso, ou a manter os braços esticados ao longo do corpo o tempo todo, falar incompreensivelmente baixo e outras coisas desse género. Volvidas algumas semanas de ter regressado, e quando já tinha sacudido a solidão, a minha resposta à tal pergunta do amigo-do-amigo passou a ser: “As amarras invisíveis sobre o corpo.” Mais uma vez esta expressão enigmática precisava de explicação. Quer

dissesse “corpo atado”, “amarrado” ou outro sinónimo, o que eu queria transmitir a quem estava a falar comigo era o treino que o Japão nos dá para regular o botão de volume dos movimentos para o mínimo. Entre os japoneses percebi que o espaço que um corpo ocupa não se limita ao corpo mas também aos seus movimentos, e este não se pode espraçar levemente por respeito ao espaço para os outros. Isto não é uma intuição minha, foi-me mesmo explicado por várias pessoas japonesas, geralmente depois de elogiarem o modo “atencioso” como eu (não) me movimentava. Aquilo que eu não podia supor é que isso era só o começo. Depois de perceberem que tinha alguma sensibilidade para a etiqueta nipónica foi esperado que me fosse aperfeiçoando visivelmente, e por isso o meu modo de andar, mexer os braços, comer, sentar, levantar, e tudo o mais (em público) foi ficando cada vez mais “japonês”. Isto não é um auto-elogio! Uma rapariga de 1,80m que veste o XL não parece graciosa a mexer-se assim, parece ridícula, como se estivesse realmente atada! Daí a minha expressão...

Ainda hoje considero que o impacto mais duro do Japão são esses efeitos que nomeei: a falta de afectividade física ou empatia genuína que leva à solidão e também a restrição de movimentos e código de linguagem corporal com efeito entorpecedor. Mas, mais uma vez, isso é a minha experiência. Toda a minha vida pratiquei desportos ou actividades de movimento, tenho uma actividade académica e profissional que me leva a falar abertamente em público, sou particularmente emotiva e muito afectuosa com família e amigos, por isso era de esperar que, para a minha personalidade, essas coisas fossem mais difíceis. No entanto, e mesmo pondo-me no lugar de indivíduos com as mais diversas personalidades, creio que são “pedras no sapato” para qualquer pessoa que tenha nascido e crescido em Portugal. A cultura portuguesa (pelo menos a boa-educação convencional) privilegia o contacto olhos-nos-olhos, a correspondência autêntica entre o modo como se age e o modo como se sente, e a linguagem corporal que é mais

ou menos larga conforme o nível de entusiasmo (positivo/alegria ou negativo/raiva).

Ora no Japão a raiz é outra, a cultura de base criou hábitos e convenções de boa-educação que levam a evitar o contacto olhos-nos-olhos, a resguardar os verdadeiros sentimentos, a pensar conscientemente mesmo nos movimentos mais elementares. Isso não são limitações da cultura japonesa, são características, e como tal deram-lhes vantagens e mais-valias. Por exemplo, a consciência minuciosa do movimento permite os japoneses não só serem hábeis com os pauzinhos e a caligrafia mas também terem uma propensão para o desenho e o design, a manufactura detalhada de equipamentos, tecnologia, têxteis e formas de arte como o ikebana (arranjo floral) e o cha-no-yuu (ritual de chá). A capacidade de sincronizar movimentos próprios com os de outras pessoas sempre foi uma qualidade estimada no Japão, da qual são exemplo as numerosas danças colectivas associadas aos festivais tradicionais. Até o desviar do olhar tem um propósito: o que lhe está por base é o princípio da evitação da confrontação. O desvendar das emoções interiores, com as inevitáveis discórdias ou dissidências, não era uma vantagem Japão do período moderno, no qual a prioridade era a formação de um Estado-Nação pacífico (por oposição ao período anterior, de conflitos armados e violência generalizada).

Por isso, sempre que penso no que foi (e voltaria a ser) muito difícil habituar-me penso também na oportunidade que isso significa. Perceber de experiência própria em que consiste o “choque cultural” é desmontar a ilusão de que somos radicalmente diferentes e também o seu oposto: que não podemos visitar a cultura uns dos outros através da incorporação do que lhe é mais íntimo. Para mim, e isso vale o que vale, o “choque cultural” é entrar e sair de conformações, como quem entra e sai de um personagem, é sentir física e emocionalmente o impacto de cada um desses movimentos. Pode ser um “choque” mas ganha-se muito mais do que aquilo que custa.

Observações: Este texto e os que se seguem expressam as minhas opiniões e experiências, e devem portanto ser considerados na sua subjectividade.

Não é meu objectivo nestes textos apresentar resultados objectivos ou teorias consolidadas, e portanto alguns pormenores podem divergir da perspectiva de alguns leitores. Todos os comentários são bem-vindos, especialmente a partilha de experiências e estórias pessoais.

O contacto da autora é umlongoveraonojapao@gmail.com

O Japão é fascinante, ter amigos japoneses é uma sorte, e espero que esta colectânea de “Ficheiros Secretos” abra a porta a mais portugueses com coisas para contar sobre o Japão e os japoneses.

Este texto, bem como os cinco primeiros capítulos da colectânea “Ficheiros Secretos”, foram redigidos em 2014.

A autora não prescinde de todos os direitos de propriedade intelectual deste texto e dos outros textos da colectânea “Ficheiros Secretos”, pelo que estes não podem ser publicados ou reproduzidos no todo ou em partes sem a sua autorização expressa e por escrito.